

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

4 de Junho de 2022

REALIZADOR CONVIDADO: ADOLFO ARRIETA

UN CHANT D'AMOUR / 1950

Um filme de Jean Genet

aargumento e montagem: Jean Genet / *Diretor de fotografia (35mm preto & branco):* Jacques Natteau / *Interpretação:* Lucien Sémamaud (*o jovem prisioneiro*), Java (*cuja mão lança as flores*), Coco le Martiniquais (*o prisioneiro negro*) e outros, não identificados.

Produção: Niko Papatakis / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, muda, sem intertítulos / *Duração:* 26 minutos, a 24 imagens por segundo / *Primeira apresentação mundial:* Cinemateca Francesa, Paris, 1950; comercializado nos anos 70 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Dezembro de 1993, no âmbito do ciclo "Mary Meerson – o Cinema Como Magia".

Nota: o genérico do filme só indica o nome de Genet e mais nenhum outro. Não parece haver dúvidas, no entanto, quanto aos nomes indicados na ficha técnica desta "folha", pois foram mencionados pelo produtor do filme, em diversas entrevistas.

Un Chant d'Amour é apresentado com **Belle Dormant**, de A. Arrieta ("folha" distribuída em separado).

Com a presença de por A. Arrieta

Por volta de 1950, Henri Langlois e Mary Meerson, o mítico casal que durante quarenta anos dirigiu a Cinemateca Francesa, teve a ideia de propor a ilustres artistas, não-cineastas, que fizessem filmes. Foi assim que nasceram três curtas-metragens: uma realizada por Raymond Queneau, apresentada em pequenos círculos à época e que por determinação legal de Queneau só poderá ser visto quando a sua obra cair em domínio público (o que ocorrerá 2046; o negativo está localizado); um segundo filme, realizado por Picasso, que talvez tenha sido visto à época por alguns *happy few* e do qual nada se sabe (talvez uma cópia surja um dia em algum lugar). E **Un Chant d'Amour**, único filme realizado por Jean Genet, então "maldito" mas já consagrado como um dos grandes escritores franceses da sua geração. A primeira apresentação privada, na Cinemateca Francesa, foi memorável, pois algumas funcionárias solteironas supunham que iam ver uma obra pornográfica. Ao fim da projeção, Genet virou-se para Mary Meerson e perguntou: "- Então, é um filme pornográfico? - É um filme sublime sobre a solidão!". Produzido por Niko Papatakis, animador do célebre cabaret La Rose Rouge e futuro realizador (**Les Pâtres du Désordre, La Photo**), o filme circulou durante muitos anos em cinematecas e no meio dos colecionadores de cinema, nem sempre em cópias tão completas como a que veremos hoje, tornando-se mítico, pois era ao mesmo tempo célebre e pouco visto. Durante este tempo, circulou o rumor, totalmente falso, segundo o qual Jean Cocteau teria participado de algum modo nas filmagens. Nos anos 70 **Un Chant d'Amour** foi finalmente distribuído comercialmente em França, sendo logo retirado de cartaz por injunção de Genet, que não havia sido consultado por Papatakis e que jamais quis que o filme tivesse uma distribuição comercial, como especificou à época numa carta aberta. Além disso, Genet nunca permitiu que o filme fosse apresentado em festivais de cinema homossexual e apresentá-lo num festival de cinema gay, como tem sido costume (inclusive nesta sala, por duas vezes), é uma traição à sua vontade, uma traição relativamente inofensiva quando se sabe que Niko Papatakis comercializou o filme há

vários anos, numa cassete que contém outros "clássicos do cinema gay" (nem só de arte vive o homem...). Quando se pensa em filmes realizados a partir dos anos 70, que exploram a "iconografia gay" em tudo o que esta pode ter de mais pesado e mais pedestre, percebe-se que esta proibição tinha alguma lógica, não era um gesto inteiramente arbitrário.

Un Chant d'Amour articula vários temas relacionados com a obra literária de Genet, sobretudo a peça *Haute Surveillance* e o romance *Le Miracle de la Rose*, também situados no meio carcerário, de que Genet tivera experiência direta. Os prisioneiros estão em celas isoladas porque cometeram crimes de morte, como pode ser constatado pela inscrição *meurtrier* à porta das celas, que o espectador pode associar ao verso célebre de Genet, *le spectre d'un tueur à la lourde braguette*, do poema intitulado precisamente *Un Chant d'Amour*. E como tantas vezes em Genet, em condições de grande miséria física afloram profundas paixões, intangíveis, impossíveis, manifestas no célebre e belíssimo momento em que um prisioneiro passa ao outro o fumo do seu cigarro, através da parede (em *Le Miracle de la Rose*, Genet nota que "*todos fumam na prisão, pois fumar é o único gesto delicado que pode fazer um prisioneiro*"). Neste abraço imaterial, os dois homens comunicam no reino do incomunicável, tocam um corpo intocável, atravessam uma parede, e não apenas em imaginação. E assim é sublimado e transfigurado o onanismo, literal e metafórico, que marca estas relações no cárcere. O guarda, excluído pela sua própria condição de tudo o que pode unir os outros homens, espiona os prisioneiros do mesmo modo que o espectador o faz, pois também o espectador é, literalmente, um *voyeur* neste filme. Nos breves vinte e cinco minutos de **Un Chant d'Amour** a imagem se situa a nada menos de quatro níveis: imagens "realistas" da prisão, imagens puramente poéticas das flores, fantasias sexuais do guarda da prisão e a cena no campo (que, na opinião de alguns, roça pelo *kitsch*, com os seus movimentos em *ralenti*), que tanto pode ser um *flashback* como uma fantasia do prisioneiro. Todos estes níveis são articulados com perfeita lógica, numa narrativa circular, que começa com a chegada do guarda e termina com sua saída e é pontuada pela imagem da flor lançada de uma cela à outra ("*La fleur qui plaisait tant à mon coeur désolé*", Gérard de Nerval) e que termina por ser colhida, numa pequena redenção.

Não foi certamente por falta de meios e menos ainda por artifício estético que Genet realizou um filme mudo. Para muitos, dos quais Genet talvez faça parte, a alma do cinema é muda. "*Música do silêncio*" é uma bela e célebre definição do cinema mudo e se este canto de amor é silencioso é porque num poema como este qualquer diálogo seria redundante, qualquer som seria uma estridência. Apesar de todo o seu desprezo aparente pela cultura, Genet alcança espontaneamente a indizível beleza do cinema mudo. Domina perfeitamente a poética deste cinema, articula tudo através de imagens, conta uma história, glorifica os corpos, mergulha no fetichismo e ascende à redenção afectiva pelo poder das imagens, pela "música" das imagens. E o silêncio confere ao seu filme um ar de ritual e de sonho, uma intensidade, uma pureza, uma interioridade raramente atingidas no cinema.

Antonio Rodrigues